

---

LEANDRO GOMES DE BARROS


---

O Casamento  
hoje em dias

O AZAR NA CASA DO FUNILEIRO

A' venda na casa do autor e editor  
em Afogados á rua do Motocolombó n. 28  
Arrabalde do Recife.

---



## O Casamento hoje em dias



Quem casa n'um tempo d'este  
Perdeu de tudo a razão  
Uma mulher em 6 mezes,  
Val dez annos de prisão  
Agora as de onze e dôze  
Com treze annos e quatorze?  
Que faz esse desgraçado?  
Olha para o céu exclama  
Meu Deus! nasci n'uma cama  
Para morrer n'um roçado.

Eu pesnei que o casamento  
Fosse uma parte do gózo  
Mas, o que, elle faz parte  
E' de um xarope amargoso.  
Arde mais do que pimenta  
E' como o sol quando esquenta  
O homem perde a façanha,  
Faça elle o que quiser  
Porque a mão da mulher  
Em vez de allisar arranha.

A mulher é um volume  
Que tem um pêso infinito  
Com carne de dois mil reis  
Feijão a crusado o litro  
Farinha a mil e trezentos  
Toucinho dois mil e duzentos  
E esse só tem o couro  
Ainda diz a mulher  
Comp're pelo que estiver  
Não faça cara de choro.

Cinco litros de farinha  
Do Recife ou Afogados  
Se a pessoa for medir,  
Talvez não dê dez punhados,  
Quiabo um, um vintem  
E todo o dia não tem,  
Lenha dois vintens a lasca  
Bananna hoje é um brinco  
Só dar um tustão por cinco  
Só se encontra n'ella a casca

Assucar sete tustões  
E por kilo enferrujado  
Alguns pingam mel de furo  
Quando vem pouco molhado  
Molleque atraz do balcão

Cada qual que meta a mão  
Tira em grande quantidade,  
Chegam formarem até bulha  
Depois que o cacheiro embrulha,  
Ja falta mais da metade.

O solteiro não se assusta  
Isso faz medo ao casado,  
Que tem por obrigação  
Ir a fêira ou ao mercado,  
Que pega a sexta ou o sacco  
E olha para o buraco  
Onde elle precipitou-se  
Volta, acha a mulher zangada,  
Pergunta-lhe a filharada  
Papae, me trouxe pão dôce?

Se o camaradilha disser  
Meu filho, um X não voltou  
A mulher pergunta logo  
O que fez do que levou?  
Tudo não está caro assim  
Não sobrou foi para mim,  
Que o que como é subeijo  
Eu não sei mais o que faça  
Agora por mais desgraça,  
Estou de antojos tenho desejo.

Estou desejando comer  
Queijo fino e goibada,  
Tomar cidra e vinho do Porto  
Passa, figo e marmelada,  
Ah! quem me dera um presunto  
Havia de comer muito  
Acabaria o fastio  
Isso é para uma nobre  
Casei com um homem pobre  
Além de pobre, vadio

Veja um leitor se uma d'essas  
Deseja coisa ruim  
Pedra, pao, bagaço e lama  
Uma casa de cupim?  
Só deseja coisas caras  
Embora que sejam raras,  
Isso não offende a ella  
O burro velho demente  
Espera alli paciente  
Para botarem-lhe a sella.

Para os tempos de abundancia  
Casamento é um pagode  
Porque com mil e quinhentos  
Compra-se a banda de um bode  
Farinha a cuia um crusado

Capão bonito e sevado  
Com trez mil reis compram dois  
Manteiga compra uma lata  
Compra um tustão de batata  
E cinco tustões de arroz.

Hoje que um quarto de bode,  
Menor que aza de um grilo  
Tem custado em qualquer feira  
Mil e duzentos o kilo  
Ver-se a farinha de roça  
Preta, crua, azeda e groça,  
Com iuhaca de cupim,  
E como um rapaz solteiro  
Sem emprego e sem dinheiro  
Se atreve a casar assim?

Inda que o camaradinha  
Não tenha mãe nem irmã  
Quando está casando pença  
O que se come amanhã?  
Meu sogro não tem dinheiro  
Queira Deus o marinheiro,  
Queira me vender fiado,  
Se a sogra me visitar  
Não encontra o que jantar  
Faz um bafafar damnado!

Porém esses que se casam  
Depois que pegou a guerra,  
Só para empregado publico  
Ou gente que come terra,  
Não acha em em que trabalhar  
Não tendo onde se empregar  
Ninguém lhe vende fiado  
A mulher diz eu estou nua,  
Não posso sair na rua  
Meu vestido está rasgado.

Eu perguntei a um theologo  
Homem muito scientifico  
Se podia se encontrar  
Mulher de genio pacifico  
Elle me disse se encontra,  
E' difilculdade mostra  
Mas que o prestigio na droga  
E' mesmo uma raridade  
Com especialidade,  
N'uma freira ou n'uma sogra

Acrescentou o theologo  
Entre espinhos nascem rosas  
De dez mil mulheres feia  
Tira-se cinco formosas  
Como isso assim é tudo

Sai de um casal carrancudo  
Um filho alegre e risão  
Eu ainda não pode ver,  
Foi uma sogra dizer  
Que um genro tenha razão.

Mas mestre, perguntei eu.  
Terá mulher paciente?  
Disse elle qualquer uma,  
Estando na calma é prudente,  
Porém quando está irada  
A lingua fica afiada  
Deita espuma pela boca  
Desconhece a divindade  
Comete temeridade,  
Como que estivesse louca.

Um sabio disse uma vez  
Sou defensor da mulher,  
Vejo no céu de seus olhos  
O que não vejo em qualquer  
E sem ella nada havia,  
Nem no espaço se via  
Os horizontes azues  
O mundo não tinha cores  
Seria um campo sem flores  
Ou uma igreja sem luz

Eu classifico a mulher  
Como a flor da existencia  
Um altar de divindade  
O simbolo da innocencia  
Pois vejo que esse objecto  
Foi o grande predilecto  
Do autor da criação  
Deus se esmerou tanto n'ella  
Que a fez a obra mais bella  
Entre toda a geração

Como a luz planta nas trevas  
O louro clarão garboso  
A mulher planta o praser,  
N'um coração pressuroso  
Como a rosa no sereno  
Ella com carinho ameno  
Faz abrir um coração,  
D'ella se extrai o praser  
Tudo tem que lhe render  
O culto de adoração.

Embora que muitas d'ellas  
Tornem-se um céu de torpesa  
Um armazem de ciume  
Fabricação de despesa  
Ha n'ellas excepção

Algumas tem propenção  
Não comer e ajuntar  
Um dia até succedeu  
De uma o marido morreu  
E ella quiz o guardar.

### O AZAR na CASA do FUNILEIRO

Vou contar uma historia  
Que um amigo me contou  
De um pé frio ou aza-negra  
Que em casa d'elle chegou  
O leitor preste attenção,  
O que foi que resultou.

Assim como as pedras correm  
Atraz dos apedrejados  
Corre tambem a caipora  
Atraz dos encaiporados  
Os nús só querem amisade  
Dos que estão esmulambados

Me disse esse Saturnino  
Que sempre ouvia fallar  
Em alma do outro mundo,  
Feitiçaria e azar

Mas ainda não tinha visto  
Não podia acreditar,

O leitor sabe que feira  
Tem um inigma que atrai  
Porque no lugar que ha feira,  
Todo mundo em geral vai  
D'ella e festa de natal  
Até o diabo sai.

O Saturnino vendia  
Obras de flandre na feira  
Quando pela torda d'elle  
Passou uma ave agoreira  
Veio um grande ridimunho,  
Cobriu tudo com poeira.

Saturnino olhou a um lado  
Viu um sugeito chegar  
Era uma armação tão feia  
Que o fez repugnar,  
Elle perguntou a si  
Será aquelle o azar?

Era um individuo alto  
Com uma enorme corcunda  
Os olhos tinham cabellos  
A boca sem dente e funda

Quatro buracos de venta  
Era uma figura immunda.

Saturnino ahi lembrou-se  
Do que ja ouviu dizer  
Então murmurou consigo  
Eu agora posso crer  
Que aquillo que o mundo diz  
Foi ou é ou ha de sêr

Olhando bem para elle  
Via todos os seus signaes  
Não tinha traços alguns  
Dos entes racionaes,  
Se é exato a escritura  
Era o puro satanaz.

O nãriz comprido e torto  
A especie de uma rosca  
De fora via-se bem  
Dois dentes no céu da bocca  
Nos pés dos dente um bolço  
Com lacráo, aranha e mosca

Chegando-se a Saturnino  
Lhe disse meu camarada  
Eu não tenho conhecido  
E ando aqui de arribada

Venho a vossa senhoria  
Lhe pedir uma pousada,

Elle é muito hospitaleiro  
Teve pena de negar  
Depois de pensar um pouco  
Inda pensou em não dar  
Depois se compadeceu,  
Disse pode se arranchar

Ahi se sumiu da torda  
Um bule e uma bacia  
Um freguez estava comprando  
E disse que não queria  
Apresentou-se ferrugem  
No flandre todo que havia.

Saturnino enquisilou-se  
E sahiu na mesma hora  
Comprou um kilo de carne,  
Arrumou-se e foi embora  
Chegou em casa achou elle  
Deitado do lado de fora.

Saturnino notou logo  
As formigas se mudando,  
Os cachorros dos visinhos  
Arripiados rosnando

As galinhas espantadas  
E os morcegos voando.

Ora Saturnino tinha  
Um amigo e companheiro  
Esse veio a Saturnino  
Ensultal-o no terreiro  
E era homem pacifico  
Que nunca foi desordeiro.

O pobre do funileiro  
Exclamou, estou derrotado,  
De onde teria vindo  
Semelhante desgraçado  
Sò se o portão do inferno  
Está hoje desmantelado.

Se aquelle fôr do inferno  
Estava em algum basculho  
O diabo precisava  
De tirar algum entulho  
E com essa escavação  
Descobriram tal embrulho

O funileiro mandou-o  
Se arranchar n'uma latada  
Um pombo dormia lá  
Ficou de aza arriada



Tinha uma herva barbosa,  
Essa amanheceu torrada,

O funileiro tremia  
Que só quem está com maleita  
Quando viu o aza-negra  
Estirar a mão direita  
Puchar de dentro de um sacco  
Um livro de nova-ceita

O funileiro exclamou  
Eu bem que estava scismado  
E disse logo que vi  
O inferno está furado  
Só do reino de Plutão  
Sahia esse desgraçado:

Tinha alli um furmigueiro  
A mais de um seculo morando  
Então achou as formigas  
Assanhadas se mudando  
Como quem tinham receio  
Por lonje d'elle passando

Ahi pendurou a carne  
Meteu a chave na porta  
A chave do seu bahù  
Envergou e ficou torta

Na barrica da farinha  
Achou uma gata morta

Voltou e foi ver a carne  
Que tinha deixado fora,  
De lonje vio um um cachorro  
Que ia com ella embora  
E ainda não fazia,  
Um quarto de meia hora.

Foi n'uma venda comprou  
Carne, farinha e café  
Quando a agua já fervia  
Cahiu de cima um mondé  
Virou a chaleira d'agua  
Queimou-lhe as mãos e um pé

Tinha uma cabra com canga  
Logo ahi precipitou-se  
Na rede que estava armada  
Pulou dentro ella furou-se  
Tinha uma jarra com agua,  
Cahiu o fogo apagou-se.

Assim que elle se deitou  
Teve uma prova real  
Ficou convicto que aquelle,  
Era um conductor no mal,

Cantou na telha a coruja  
E a peitica no quintal

Então guardou a farinha  
Que a tarde tinha comprado  
O rato furou o saco  
Que nunca tinha furado,  
De noite foi beber agua  
Achou o coco quebrado

Derramou-se o sal da lata  
No lugar que teve o fogo  
Ficou como uma pessoa  
Que perde tudo no jogo  
O galo pai do terreiro  
Morreu de noite com gôgo.

O dono da casa disse  
Posso agora acreditar  
Em aima do outro mundo  
Feitiçaria e azar  
Aquelle veio aqui hontem  
Para me justificar.



6082

—Typ. da POPULAR EDITORA—  
Rua da Republica 65—Parahyba

(LGB)